

zh Variedades



Sérgio Ilha, Rosa Braga e Gilberto Perin

Mais uma chance para conhecer o teatro de Qorpo Santo, a partir de hoje

FICHA TÉCNICA

Autor: José Joaquim Campos de Leão Qorpo-Santo.

Elenco: (por ordem de entrada em cena):

HOJE SOU UM E AMANHÃ OUTRO

Gilberto Perin Rei
Sérgio Ilha Primeiro Ministro
Vera Porto e Joyce de Brito e Cunha Damas
Miriam Tesler Criada
Rosa Braga Rainha
Oscar Fernando Simch Soldado
Miriam Tesler e Oscar F. Simch Oficiais
Participação especial de Mauricio Guzzi nas duas peças (Qorpo-Santo)

MATEUS E MATEUSA

Sérgio Ilha Mateus

Vera Porto Mateusa
Rosa Braga Pedra

Miriam Tesler Catarina
Joyce de Brito e Cunha Silvestra

Oscar Fernando Simch Criado

Direção: Liana Villas-Bôas

Assistência de direção: Sérgio Ilha
Cenários: Verner Almeida

Figurinos: Sérgio Ilha

Confecção de Figurinos: Mercedes de Brito e Cunha

Coreografia e maquilagem: Lenah

Trilha sonora: Joyce de Brito e Cunha/ Sérgio Ilha

Sonoplastia: Miguel Anderson

Iluminação: Vernei Almeida

Edição do jornal-programa e divulgação: Gilberto Perin

Produção executiva: Vernei Almeida/Joyce de Brito e Cunha



Cena de Hoje Sou Um e Amanhã Outro



Mateus e Mateusa: Sérgio Ilha e Joyce de Brito e Cunha

"Os fracos que me desculpem, mas garra é fundamental" (Aldir Blanc)

Depois de uma pré-estreia, participando do Festival da Primavera de Triunfo, cidade onde nasceu, a Scena Produções apresenta seu mais recente trabalho, hoje, no Clube de Cultura (Ramiro Barcelos, 1853), às 21horas.

O jornal-programa que apresenta a montagem já é uma indicação da seriedade com que a Scena Produções encarou o trabalho em Qorpo-Santo, Um Século Depois. Conforme o relato da diretora, Liana Villas-Bôas, houve duas fases. A primeiras delas foi teórica: além da biografia disponível o grupo estudou a dimensão sócio-política em que viveu e sua influência na obra do autor. A segunda fase, de ensaios, inclui exercícios de expressão corporal e laboratório: somente neste momento foram estruturados cenários, figurinos, coreografia e maquilagem.

"Um desafio", diz Liana, "é assim que encaramos essa montagem". Apresentando o trabalho ela acrescenta que "o objetivo foi criar um espetáculo que preservasse as características fundamentais da obra do autor.

Dentro da visão do realismo levado ao extremo, construímos toda a montagem, surgindo, consequentemente, o absurdo. No jogo das analogias, poderíamos dizer que o absurdo do espetáculo surge justamente do realismo do texto".

Durante o Festival da Primavera de Triunfo, cidade onde nasceu Qorpo-Santo, a Scena Produções fez duas apresentações de sua montagem. Muito mais do que servir como uma espécie de ensaio geral antes da estreia em Porto Alegre, as apresentações em Triunfo deram a dimensão de realismo desejada pelo grupo.

Esse realismo foi extremamente acentuado pelo próprio local da encenação, um teatro fundado em 1848. O ator Gilberto Perin, relatando as "recordações de Triunfo", descreveu o clima do Teatro União: "Na fachada, uma máscara teatral. Um teatro mal conservado, mas com ótima acústica e excelente clima para Qorpo-Santo, Um Século Depois.

No teto, a pintura original e lâmpadas com papel celofane colorido. Bandeirinhas de São João. Camarins subterrâneos e uma porta misteriosa, pregada, aparentemente não dando a lugar nenhum". Assim, o objetivo de "pseudo-distanciamento" citado por Liana Villas-Bôas foi atingido.

Além do local, contribuíram para isso a "presença" de Qorpo-Santo na platéia (o ator Mauricio Guzzi) e o fato dos atores se maquilarem frente ao público (vistos, portanto, como gente igual a todo mundo).

TEMAS

Em Hoje Sou Um e Amanhã Outro, Qorpo Santo trata basicamente da manipulação do poder. Em cena, um rei, uma rainha, um ministro, damas, soldados, criados, povo, todos conscientes de seus papéis. Todos representam conscientemente uma função dentro de uma grande farsa, que é constantemente enfeitada, recoberta. O que se vê, aparentemente, é um reino perfeito, calmo e ordenado. E, sob o manto calmo, o caldeirão fervente.

Por ser um texto mais pesado, Hoje Sou Um e Amanhã Outro é apresentado antes que Mateus e Mateusa comece a provocar risos. Isso não significa que a sátira na primeira peça não contenha comédia: apenas ocorre que os aspectos cômicos fluem mais espontaneamente no segundo texto, que retrata uma realidade mais cotidiana.

A solidão humana e suas consequências constituem o tema de Mateus e Mateusa. Um casal de velhos vive um amor que o tempo e o mundo transformam em costume e necessidade, enquanto as três filhas disputam as atenções do pai. Apesar de juntos fisicamente, o casal sente necessi-

dade de se refugiar no passado que, mesmo não tendo sido dos melhores, pode ser moldado pela imaginação. Um passado que, conforme o caso, pode ferir.

AUTOR

Em um de seus artigos, Aníbal Damasceno Ferreira sugere que se calcule "o que não deve ter passado o pobre Qorpo-Santo nesta mui leal e valerosa cidade de Porto Alegre, Capital da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, há cem anos atrás! O infeliz só podia ter o fim que teve: no hospício. Então lá era coisa que um cidadão fizesse, escrever corpo com Q, compor uma ode às aranhas, falar em divórcio e entrar em casa pela janela?

Sem dúvida, a vida de José Joaquim de Campos Leão, nascido em Triunfo em 19 de abril de 1829, foi das mais atribuladas. Ele veio para Porto Alegre em pleno curso da Revolução Farroupilha e, por longo tempo, se dedicou a atividades no comércio. Estudante de "gramática nacional", em 1851 Qorpo-Santo transforma-se em professor, em Santo Antônio da Patrulha, iniciando uma longa carreira no magistério. Antes de fundar o Colégio de Instrução Primária e Secundária Alegrense e de ser eleito vereador em Alegrete, ele já havia se tornado diretor do Colégio São João, de Porto Alegre.

Por volta de 1864, tem início a perseguição que foi a característica da vida de Qorpo-Santo: processos sucessivos visam interditar sua vida profissional sob alegação de doença mental. Suspensões sucessivas interrompem suas atividades como professor enquanto exames e internações acontecem repetidamente.

O pharol — boletim da loja maçônica que fundou em Santo Antônio, e A Justiça — jornal que editou para publicar poemas e defender-se das acusações, foram atividades jornalísticas que Qorpo-Santo exerceu antes e depois do período de culminância de seu trabalho em literatura.

O ano de 1866 foi o que marcou o apogeu de Qorpo-Santo como dramaturgo: neste período, enquanto o Brasil estava em guerra com o Paraguai, ele escreveu pelo menos 16 das 17 peças de teatro conhecidas.

Apesar de todas as acusações de doença mental — ou de "mente super-excitada" — Qorpo-Santo morreu de tuberculose pulmonar, em Porto Alegre, em maio de 1883. Ele morreu depois de arrastar sua "penosa existência por estes pagos sem nunca achar quem o tivesse em boa conta". Em seu comentário, Aníbal Damasceno acrescenta que "em vida, ninguém lhe apresentou protestos de estima e consideração". Intelectuais e plebe sempre o tiveram por louco de se atar. Sobre o que ele fez, disse e escreveu, jamais alguém acrescentou uma palavra que não fosse de ironia ou deboche. E veio sendo assim até recentemente, quando a competente Imprensa Nacional passava a anunciar-lá como a maior descoberta da dramaturgia brasileira. Sábios, sabichões e sabedores entraram, daí por diante, a trombetearlo entusiasmaticamente. Drummond deu-lhe até um verso de presente. Por toda parte, onde se falavam coisas sérias e profundas, lá vem o extravagante nome de Qorpo-Santo afilado dos mais belos apelidos: o Jarry brasileiro, o tosco dos Pampas, o precursor do teatro do absurdo, o genial, o sensacional, o profeta, o fantástico, etc., etc..."

E, para isso, tem outro bom adjetivo para Qorpo-Santo, que foi criado por Guilhermino César: "O louco manso das margens do Guaíba".